

**ROUBANDO UM MODO DE SER INFANTIL: experiências infantis precedentes ao internamento no Abrigo de Menores do Estado de Santa Catarina em Florianópolis(1950-1970)**

Eduardo Silveira Netto Nunes<sup>1</sup> - PPG-PUC-SP

A infância não é uma natureza dada, ao contrário, ela é construída e constituída sócio-historicamente, portanto o mais correto seria, ao se referir a este largo período que medeia o nascimento à “vida adulta”, chamá-lo de infâncias, e imediatamente depois, especificar de que campo da “infância” se está a falar e isso é o que passo a fazer.

Este texto trata de apresentar alguns aspectos de experiências infantis de pessoas que sofreram a internação no Abrigo de Menores do Estado de Santa Catarina<sup>2</sup>, entre as década de 1950 e 1960, antes de ocorrer esse episódio marcante na suas vidas.

Para isso parto dos depoimentos orais constituídos através de “diálogos densos”<sup>3</sup> com o Sr. Arlindo Nelson<sup>4</sup>, com o Sr. Carlos Alberto<sup>5</sup> e com o Sr. Vilmar José<sup>6</sup>, que hoje são adultos e estiveram internos no Abrigo entre os anos de 1955 e 1968, tendo cada qual sido encaminhado ao internato aos 8 anos, aos 10 e aos 8 anos respectivamente. Aqui, busco identificar os múltiplos modos de vivências infantis a partir das narrativas dos depoentes, em que a condição comum a todos—pobres—não determinou o “como” as suas experiências seriam desenvolvidas, mas num aspecto foi muito influente a eles e a todos aqueles que foram abrigadas, pois a instituição se destinava à infância carente.

A experiência infantil de Arlindo esteve ligada em muito com o local de sua moradia, que era próxima do Hospital de Caridade e ficava no caminho do centro para os moradores do Morro do Mocotó. Ficando a casa num lugar de passagem, ele teve

a oportunidade de conhecer e fazer “amizade de guri pequeno” com as crianças do Morro e junto delas se exercitar enquanto criança nos arredores de sua casa, como também no centro da cidade. Narrou-me que:

*–Essa meninada eram vizinhos, ali perto de casa, negrinhos ali do Morro do Mocotó[...]a gente brincava, aprontava com a gurizada, fazia bastante coisa de criança pequena[...]nos reuníamos e ia tomar banho pelado, onde hoje tem a Beira-Mar sul ali era um cais[...]perto do Hospital de Caridade era tudo banhado...aquele pessoal criavam porco solto, nós montava naquele porco, fazia uma festa.*

O lugar de moradia de Vilmar também serviu-lhe como suporte de referência para rememorar parte das vivências de infância e indicar a sua experiência afetiva com relação aos pais e parentes.

*Até os oito anos convivi, foi criado com eles(avós)na(rua)Bocaíuva, hoje Via Expressa...quando criança até os oito anos a gente brincava muito...nossa diversão era brincar na praia; ali tinha o pastinho em frente o Hospital São Sebastião, a gente batia bola todo dia, jogava banco, mergulhava[...]tenho pai e mãe, mas meus pais se separaram, e eu fiquei sozinho no mundo, aí me entregaram para os avós.*

A trajetória familiar de Vilmar se aproximou daquela vivida por Carlos, entretanto este disse que nunca conheceu os pais e sempre viveu com a avó até ir para o Abrigo.

Carlos morou com a avó e um primo no alto do Morro da Caixa d’Água, que, na época, disse-me que *–só tinha a cruz mesmo e mais nada–*, essa situação fazia com que ele e o primo tivessem que descer o morro e ajudar a avó quando ela retornava do trabalho em “*casa de família*” com algumas coisas para a sua casa, essa lembrança lhe trouxe outra, a de que *–se o cara não descesse aí o pau pegava, a bicha(avó)não era fácil, dava pau mesmo.*

Ainda no morro, Carlos indicou algumas brincadeiras que praticava como:

*–Brincadeira de pegar, de esconde-esconde, essa bolinha de vidro, de gude, aquele vício[...]saltar pipa também[...]caçava muito passarinho, tico-tico[...]mas era legal, naquele tempo era bom.*

Num aspecto Arlindo diferenciava-se de Carlos e Vilmar, ele, até ser internado sempre conviveu com a mãe, apesar de não ter conhecido o pai quando criança, fato que ocorreu anos mais tarde da sua saída do Abrigo. Entretanto, o trabalho de sua mãe–*lavava roupa pra fora em casa mesmo, antes de trabalhar na lavanderia do Hospital de Guarnição de Florianópolis*–sugeriu que a condição financeira não era boa, aproximando-o da experiência empobrecida de Carlos e também de Vilmar, pois na casa dos avós deste, apenas o avô–*ganhava um salariozinho na prefeitura e comprava tudo que precisava para viver.*

As dificuldades materiais das famílias repercutiam na vida das crianças. Carlos, além de descer o morro para ajudar a carregar coisas da avó, também descia-lo para trabalhar como jornaleiro na praça central da cidade, ajudando a constituir o movimento da região, reforçando a centralidade desta no ambiente urbano, falou-me a respeito:

*–Fui jornaleiro...vendi o Diário da Tarde em frente à catedral...vendi muito jornal também na cidade, nos prédio, ia vendendo por tudo aí, ia batalhando.*

Arlindo também ia ao centro não exatamente para trabalhar como alguns de seus *amiguinhos* que *vendiam amendoim, cocada, pastel*, mas para brincar, contudo, às vezes acompanhava as atividades do Mercado Público em que *parava os barcos de pesca e o pessoal limpava o peixe atrás do Mercado, às vezes a gente ganhava um peixinho dos caras...aquilo era uma festa.*

O centro recebia as crianças trabalhadoras que ajudavam na sobrevivência de suas casas, mas também as recebia como crianças brincantes, que exercitavam suas infâncias e alimentavam-se do lúdico, da diversão, da convivência

com semelhantes, isso me foi dito por Arlindo:–*Como guri freqüentava, rodava muito por lá(centro). A fala de Carlos sugere lugares específicos das práticas infantis:–Aqui era tudo banhado, tudo água, então juntava quatro, cinco e já ia mergulhando, já tomava banho ali mesmo, né, tinha o Miramar, pulava ali; ali onde era o Aldo Luz e Martinelli(clubes de remo à beira mar, no centro)tinha aquela rampinha pros barcos subir, o cara aproveitava aquela rampa e já mergulhava por ali mesmo, muito banho tomei ali.*

O Miramar era uma construção que adentrava ao Mar numa espécie de pear, com colunas de pedras, algumas mesas com bancos, coberto por telhas, e ficava em frente à praça XV de Novembro, central, à frente da Igreja Matriz, no entorno dessa praça ficava a sede do Governo do Estado.

O Miramar também esteve presente na fala de Arindo, disse-me:–*O Miramar pra nós era uma festa. A gurizada ia pra ali, se reunia ali, tomava banho de mar...alguns mergulhavam pra pegar moeda que o pessoal jogava. Eu gostava de tomar banho de mar, não mergulhar pra pegar moeda, mas só aquele banhozinho safadinho.*

Reconhecer-se enquanto guri, foi identificar-se com uma condição que só existia porque era compartilhada com outros guri, não se era guri sozinho, se era junto com os outros. Parte desses, como Carlos, não iam para se divertir apenas, trabalhavam, mas também se divertiam, e compunham a gurizada.

Arlindo como Carlos, também freqüentava outros lugares para se banhar, assim circulava pela cidade e a reconhecia a partir de referências ligadas ao mar. Assim comentou-me:–*Vivia rodando com a gurizada[...]a gente tomava banho ali na Beira-mar Sul...onde hoje é a Beira-mar Norte, ali era a praia de fora que nós também tomava banho pelado quando garoto...tá muito poluído, isso ali aumentou muito, estragou, poluiu a praia toda.*

O ato de rememorar é produto de composição em que a narrativa dialoga no campo da temporalidade com o passado e o presente, percebendo-se as alterações sofridas pela passagem dos anos e pela ação humana.

A lembrança também recorda as ações impingidas pelos homens às brincadeiras infantis. Vilmar me comentou uma situação na qual ele, junto com a “gurizada”, passava para degustar umas “frutinhas” da casa do *doutor Mesquita*, disse:—*A gente era guri daquele que fazia muita arte...era invasão de terreno, é mexer nas fruta, apanhar goiaba, pitanga, jabuticaba...a gente sempre que podia ia lá no quintal do doutor Mesquita tirar umas frutinhas.*

O Sr. “Mesquita” possivelmente não gostasse dessas artes no seu quintal, até por isso respondia aos meninos com *tiro de sal*, isso foi o que me disse Vilmar:—*Muitas vezes a gente dançava porque ele não gostava, pegava a gurizada trepada em cima(das árvores), ele dava tiro de sal na gurizada, e saía todo mundo correndo.*

A brincadeira tinha os seus riscos mas às vezes garantia um boa frutinha para ser degustada com os amigos de aventura.

As crianças circulando pelas ruas ou pelos quintais, exercendo a infância pobremente, fazendo de espaços da cidade o seu brinquedo, enfim expressando e constituindo “modos de se ser infantil”, podiam ser reconhecidas como perturbadoras do “mundo adulto”.

Poder Público, Jornalistas, pessoas em geral—como “doutor” Mesquita—e até mesmo familiares, interpretavam certos procedimentos da infância pobre de Florianópolis como incômodo, inconveniente, indesejado, e assim, mobilizavam esforços que iam da surra ao tiro de sal, da opinião nos jornais à sentença de abandono, mesmo não sendo “produto” de uma articulação ou de uma “política” projetada, essa práticas compunham um quadro que sancionava a pobreza—até por

quem fazia parte dela—e legitimava formas difusas de controle social sobre as crianças populares.

Os jornais da cidade alardeavam a presença de crianças no centro com as seguintes designações: “enxameiam” ou “pedintes”<sup>7</sup>, “inimigos da limpeza”<sup>8</sup>, “menores inconvenientes”<sup>9</sup>, “vagabundagem”, “infratores”, “futuros contraventores”.

Chamo a atenção especial para a condição de “infratores”. Nos jornais que analisei no período, por amostragem,—1950-1970—encontrei apenas uma situação em que foi relatada objetivamente a suposta ocorrência de um “crime juvenil”, sugerindo-me que esse tipo de situação não era freqüente a justificar a associação que se fazia entre a infância pobre circulando e exercitando-se ao seu modo e com aquilo que lhe tinha disponível e a um caminho que a levaria à criminalidade e ao mundo vicioso quando adulto. O jornal *A Verdade*, do dia 16/01/1956, p.01, foi claríssimo nessa questão, ao dizer:

*A vagabundagem tomou conta da Praça 15 de Novembro: a garotada joga baralho na calçada e a turma dos maconheiros cada vez aumenta mais[...]O Sr. Juiz de Menores tem que olhar com mais carinho este abismo que se encontram as crianças, verdadeiros delinqüentes: os homens de amanhã, poderão tornar-se os piores contraventores.*

O Juiz de Menores anos antes já havia esquadrinhado o que aos seus olhos era problemático ao responder uma carta do Secretário da Justiça, Educação e Saúde em que lhe havia solicitado o *n.º de menores desvalidos e infratores das leis penais*, atendendo pedido anterior do Ministro das Justiça, escreveu o Juiz:

*Há grupo de uns 400 e poucos menores, que vivem em situação e paupérrima e de miséria, atendendo ao pequeno grupo que praticam a mendicância...outro problema que não tenho podido solucionar, é a vadiagem, praticada pelos menores abandonados material e moralmente pelos pais, que em*

*número de 54 grupos vivem pelos pastos, jogando futebol, de manhã à noite, invadindo quintais e praticando pequenos danos nos edifícios particulares. Quanto às infrações penais devo dizer que, diariamente, recebo queixas de menores que praticam furtos no mercado municipal, nas casas comerciais que expõem os seus produtos à porta...não exagero, se afirmar a Vossa Excia. que menores de ambos os sexos atingem, só na capital e seus arredores mais de hum mil<sup>10</sup>.*

Ao identificar quem seriam os “problemas”, o Juiz de Menores tinha o “poder” de à sua caneta sentenciar os “infratores” à penitenciária e declarar os “abandonados” ao Abrigo de Menores, pondo em execução algumas das práticas estatais de intervenção sobre a infância pobre na Capital.

A mãe de Arlindo expressava às vezes, a sua maneira, o controle sobre o modo como o filho exercitava a infância, de modo a buscar limitá-lo ou castigá-lo ou...—*Às vezes a gente aprontava, saía...chegava em casa o pau pegava, não aliviava...talvez por ela não conseguir emprego, sei lá por um motivo ou por outro.*

O motivo que movimentava sua mãe à surrá-lo, ele não tinha como saber exatamente, sabia sim que apanhava e não gostava—*é brabo*, foi a sua avaliação.

Os avós de Vilmar parece que também não gostavam muito das suas “artes”, embora ele tenha afirmado que o filho deles também fazia, mas que a “culpa” sempre caía sobre si, pois era o “intruso” na casa, tendo sido isso uma das razões para eles buscarem encaminhá-lo ao Abrigo, disse-me:—*Eles acharam que eu era muito levada branca, fazia muita arte, se bem que ele(o filho dos avós)fazia a mesma coisa e sempre estourava naquele que é adotivo, porque era filho de outra pessoa, era sempre assim.*

As famílias por vezes recorriam, como nessa ocasião, ao Juízo para internar os meninos. Entretanto, o sentimento de ser rejeitado, de não ter um lugar

seu que fosse compartilhado profundamente com as pessoas da família, deixou em Vilmar uma amargura, uma tristeza.

Todos, como já falei, acabaram internados no Abrigo e viveram um modo de se fazer criança que foi interrompido por isso, sob as mais diferentes razões, uma delas foi a associação entre viver a infância de uma maneira fluída, apropriando-se da cidade, fazendo-a infantil, tornando-a suporte para a alteridade—não necessariamente para a tolerância, pois ser criança assim justificava ao Estado a existência do Abrigo e do Juízo de Menores como instrumentos de intervenção sobre a infância.

Vivências que forjavam modos de ser infantil compartilhado socialmente que participavam do ambiente da cidade de Florianópolis, permitindo-me dizer que essas crianças e adolescentes eram e foram sujeitos históricos que compuseram e construíram o presente do passado.

---

<sup>1</sup> Mestrando em História Social na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Orientando da Dr.<sup>a</sup> Olga Brites. Bolsista do CNPq. Este texto se relaciona com a pesquisa de Mestrado intitulada *Experiências de crianças e adolescentes constituídas no cotidiano do Abrigo de Menores do Estado de Santa Catarina em Florianópolis: resistência, estratégia e luta*(1950-1972).

<sup>2</sup> O Abrigo era uma instituição destinada a internar crianças e adolescentes do sexo masculino na faixa etária dos 08 aos 18 anos, considerados pelo Juiz de Menores da Comarca de Florianópolis “abandonados”—a imensa maioria—, ou “delinqüentes não periculosos”—a imensa minoria. As crianças e os adolescentes também podiam advir de regiões do interior do Estado, situações em que o Juiz de Direito da comarca respectiva tinha competência para proceder o encaminhamento. Ele foi a única instituição do Governo do Estado com este perfil até o início da década de 1970 a compor as práticas de intervenção sobre a infância pobre no Estado, que contava ainda com uma Seção de Menores na Penitenciária do Estado destinada à internação de adolescentes considerados “delinqüentes”. Apesar de ser uma instituição pública era administrada pela União Catarinense de Educação—o nome jurídico no Estado da Congregação dos Irmãos Maristas, instituição ligada à Igreja Católica—desde a sua inauguração em 1940, o que expressava a permanência dos laços de compromisso e comum interesse entre Poder Civil e o Poder Religioso. O aparato do Juízo de Menores tinha no Abrigo um de seus principais mecanismos de intervenção sobre o ambiente social.

<sup>3</sup> PORTELLI, Alessandro. História oral como gênero. *Projeto História*, n.22, jun., p.09-36, São Paulo, 2001.

<sup>4</sup> Entrevista realizada pelo autor em Florianópolis dia 03/08/2004. O uso das gravações foi autorizado pelos depoentes e está registrado nas fitas, por isso os cito nominalmente, omitindo apenas o sobrenome.

<sup>5</sup> Entrevista realizada pelo autor em Florianópolis dia 03/09/2004.

<sup>6</sup> Entrevista realizada pelo autor em Florianópolis dia 08/04/2003.

<sup>7</sup> *Jornal O Estado*, 16/02/1960, p.02. Os Jornais citados estão depositados na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina na cidade de Florianópolis.

<sup>8</sup> *Jornal O Estado*, 14/06/1961, p.02.

<sup>9</sup> *Jornal O Estado*, 21/7/1965, p.08.

<sup>10</sup> Ofício n. 440, de 14/5/1950 do Juízo de Menores à Sec. do Interior, Just., Educ. e Saúde. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.